

Resiliência e fatores de proteção: uma revisão integrativa da literatura a partir de pesquisas longitudinais conduzidas com adolescentes e jovens

Resilience and Protective Factors: An Integrative Literature Review Based on Longitudinal Research Conducted with Adolescents and Young People

Neli de Faria Henriques Cacoza de Souza
Bárbara Cristina Soares Sena
Alex Sandro Gomes Pessoa
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
São Carlos, SP, Brasil

Resumo

Este artigo analisou os fatores de proteção que se manifestam longitudinalmente e que estão associados a processos de resiliência na vida de adolescentes e jovens. Foi realizada uma Revisão Integrativa da Literatura inspirada no protocolo PRISMA. O recorte temporal adotado (2000 a 2020) identificou 2.478 publicações. Após a aplicação de critérios de inclusão e exclusão, bem como o emprego do Teste de Relevância, restaram 17 artigos, que foram analisados qualitativamente. Os resultados foram organizados a partir de quatro temáticas: Relacionamentos interpessoais; Engajamento na Educação Formal; Aspectos subjetivos associados à resiliência; Projetos de vida e ponto de virada. Os achados da investigação podem subsidiar intervenções que sejam potencializadoras do bem-estar e dos processos de resiliência de adolescentes e jovens em situação de exclusão e vulnerabilidade social.

Palavras-chave: Adolescência; Estudos longitudinais; Resiliência.

Abstract

This paper analyzed the protective factors that manifest longitudinally and how they are associated with resilience processes in the lives of adolescents and young people. An Integrative Literature Review inspired by the PRISMA protocol was carried out. The period adopted (2000 to 2020) identified 2,478 publications. After applying inclusion and exclusion criteria, as well as using the Relevance Test, 17 articles remained, which were analyzed qualitatively. The findings were organized based on four themes: Interpersonal relationships; Engagement in Formal Education; Subjective aspects associated with resilience processes; Life projects and turning point. The study can support interventions that enhance the well-being and resilience processes of adolescents and young people in situations of exclusion and social vulnerability.

Keywords: Young people; Longitudinal studies; Resilience.

Introdução

O conceito de resiliência, apesar de ter tido grandes avanços nas últimas décadas, ainda é permeado por concepções distintas no contexto acadêmico. Os processos de resiliência envolvem a possibilidade do indivíduo de, ao se deparar com adversidades significativas, ‘negociar’ em seu contexto os recursos protetivos que auxiliam na superação dos infortúnios (PESSOA et al., 2017; PESSOA et al., 2018a). Neste estudo, considera-se resiliência como um fenômeno psicológico dinâmico, que se manifesta a partir de vivências pessoais e por meio de relações multiníveis (SANTOS et al., 2022). Criticam-se, portanto, pressupostos que a associam a traços intrínsecos de alguns indivíduos ou como decorrentes de determinadas estruturas biológicas ou genéticas.

A compreensão rígida, estática e fatalista sobre processos de resiliência foi sendo substituída por modelos analíticos que a apontam como um processo intrapsíquico dinâmico, que se manifesta a partir da interação dos indivíduos com indicadores de proteção, entendidos como variáveis que mitigam ou minimizam a extensão e impacto dos fatores de risco (PESSOA et al., 2018a). A partir desse entendimento, Pessoa et al. (2018b) afirmaram que as pesquisas sobre resiliência devem, necessariamente, compreender a relação dialética e interdependente entre processos de resiliência, fatores de risco e proteção.

Os fatores de risco são variáveis individuais ou contextuais que têm o potencial de causar danos psicológicos, relacionais e materiais à vida das pessoas que atingem. Trata-se de situações ou condições que, quando presentes na vida das pessoas, trazem repercussões desfavoráveis ao desenvolvimento. Apesar de a literatura enfatizar os fatores de risco presentes no micro contexto, Pessoa e Coimbra (2020) ressaltaram que, em muitos casos, os fatores de risco são expressões das desigualdades sociais, decorrentes do modelo econômico vigente. Dessa forma, alerta-se que os fatores de risco devem ser compreendidos de forma abrangente, pois manifestam-se nas relações proximais e cotidianas, mas também nas estruturas sociais mais amplas. Além disso, os fatores de risco não devem ser vistos de maneira estática. As repercussões e impactos dos fatores de risco possuem ampla variabilidade. Em outras palavras, a intensidade, duração e frequência da exposição ao fator de risco vão trazer repercussões muito distintas na vida das pessoas (POLETTI; KOLLER, 2008).

Já os fatores de proteção são as variáveis pessoais e contextuais que podem auxiliar na promoção do bem-estar e saúde mental das pessoas ou mesmo reduzir a influência dos fatores de risco (ZAPPE; DELL'AGLIO, 2016). A literatura tem apontado diversas situações que podem ocupar esse papel protetivo, entre elas: relacionamentos interpessoais saudáveis no contexto familiar e comunitário; envolvimento na vida escolar dos filhos; acesso a políticas públicas; expectativas positivas em relação ao futuro; habilidade de comunicação; entre outras (HABIGZANG et al., 2006; POLETO; KOLLER, 2008; SCHENKER; MINAYO, 2005). Todavia, assim como indicado em relação aos fatores de risco, os fatores de proteção não são universais, o que significa que algo que é considerado protetivo em uma cultura ou comunidade, pode ser compreendido como prejudicial por outros grupos.

Dada a complexidade da condução de estudos sobre resiliência, é fundamental que haja investimentos em investigações que recorram a diferentes estratégias de investigação. Contudo, ainda prevalecem pesquisas com delineamento transversal. A pesquisa longitudinal, de acordo com Mota (2010), é relevante quando se busca investigar as múltiplas variáveis que afetam o desenvolvimento humano no decorrer do tempo (MOTA, 2010).

A *Internacional Society for the Study of Behavioral Development* (ISSBD) apresentou, em 2005, as contribuições e limitações da pesquisa longitudinal para produção e avanço do conhecimento na área da psicologia do desenvolvimento. A comissão destacou que, nesse tipo de delineamento, o indivíduo ou grupos são acompanhados em diferentes momentos de sua trajetória ontogenética, o que possibilita acompanhar as alterações ou manutenção de aspectos alusivos ao desenvolvimento humano. Sabe-se, contudo, que esse tipo de pesquisa possui limitações, entre elas: o 'n' da pesquisa costuma ser menor em razão dos altos investimentos que são necessários para esse tipo de investigação; há dificuldades para retenção dos participantes ao longo do processo da coleta de dados; dificuldades de retestagem que ocorrem por desmotivação dos participantes ao longo da pesquisa ou mesmo pela mortalidade dos participantes (no caso de pesquisas de longa duração). Complementarmente, a ISSBD (2010) apontou que os índices de desistência dos participantes nas pesquisas com populações de baixa escolaridade são maiores, o que explica, ainda que parcialmente, a escassez de pesquisas longitudinais sobre resiliência com populações em situação de vulnerabilidade social.

Theron e van Rensburg (2018) afirmaram que estudos transversais fornecem compreensões incompletas sobre processos de resiliência de adolescentes e jovens. As autoras, de origem sul-africana, apontaram o paradoxo entre compreender a resiliência enquanto um processo dinâmico, que se altera substancialmente no decorrer da vida, e os desenhos metodológicos que persistem em recortes temporais específicos (abordagens transversais). Sugerem, desse modo, que a comunidade científica invista em modelos teóricos que expliquem a resiliência de adolescentes e jovens a partir do reconhecimento da influência de dinâmicas temporais, contextuais e de influências culturais.

Os fatores de proteção que promovem resiliência na vida de adolescentes podem passar por alterações ao longo do tempo, dependendo de um conjunto de variáveis associadas. A partir de pesquisas longitudinais com adolescentes em situação de vulnerabilidade (dependência química dos cuidadores e exposição à violência urbana), Collishaw et al. (2016) e Eisman et al. (2015) identificaram que os fatores de proteção associados à resiliência não ocupavam a mesma função em outros momentos da vida dessa população. Isso significa que os fatores de risco, proteção e os processos de resiliência são modificados no decorrer do tempo e que somente pesquisas de seguimento ou longitudinais são capazes de captar essas alterações e nuances.

Diante disso, os estudos de resiliência não devem centrar-se apenas nos aspectos individuais avaliados em pesquisas transversais, mas ampliar as reflexões e análises para os fatores temporais, contextuais e relacionais que promovam o desenvolvimento de recursos de enfrentamento e superação das adversidades ao longo do tempo, incluindo as transições que ocorrem entre ciclos desenvolvimentais. Essa prerrogativa é essencial em estudos com adolescentes e jovens que vivem em contextos de vulnerabilidade social, pois fatores de risco e proteção podem se manifestar e serem modificados longitudinalmente (PESSOA; COIMBRA, 2020). Similarmente, entende-se que as políticas públicas e os programas de intervenção para promoção de resiliência podem se beneficiar de resultados de pesquisas longitudinais, pois poderão incorporar os achados dessas investigações em suas propostas e investir em problemáticas que parecem mais duradouras na vida de adolescentes e jovens.

A partir dessas considerações, o presente artigo buscou caracterizar, por intermédio de uma Revisão Integrativa da Literatura, os fatores de proteção que se manifestam

longitudinalmente e que se associam ao acionamento dos processos de resiliência na vida de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social.

Método

Esta pesquisa se constituiu como uma Revisão Integrativa da Literatura (RIL) e se apoiou nos procedimentos recomendados pelo protocolo PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses). As buscas foram realizadas a partir do Periódicos Capes, mais especificamente em quatro bases de dados: PubMed, IndexPsi, SciELO e LILACS. A busca incluiu publicações nacionais (em língua portuguesa) e artigos internacionais, nos idiomas inglês e espanhol. Utilizaram-se os seguintes descritores: “Resilience” AND “Longitudinal” AND “Adolescents” OR “Young people” para a língua inglesa; “Resiliência” AND “longitudinal” AND “Adolescentes” OR “Jovens Adultos” para o português; “Resiliencia” AND “Longitudinal” AND “Adolescentes” OR “Jovene\$” em espanhol. O uso do cifrão foi utilizado para incluir as palavras tanto no singular como no plural.

O recorte temporal adotado foram as publicações entre 2000 e 2020, totalizando a produção de duas décadas. A busca foi realizada por duas pesquisadoras, de forma independente, no mês de dezembro de 2020.

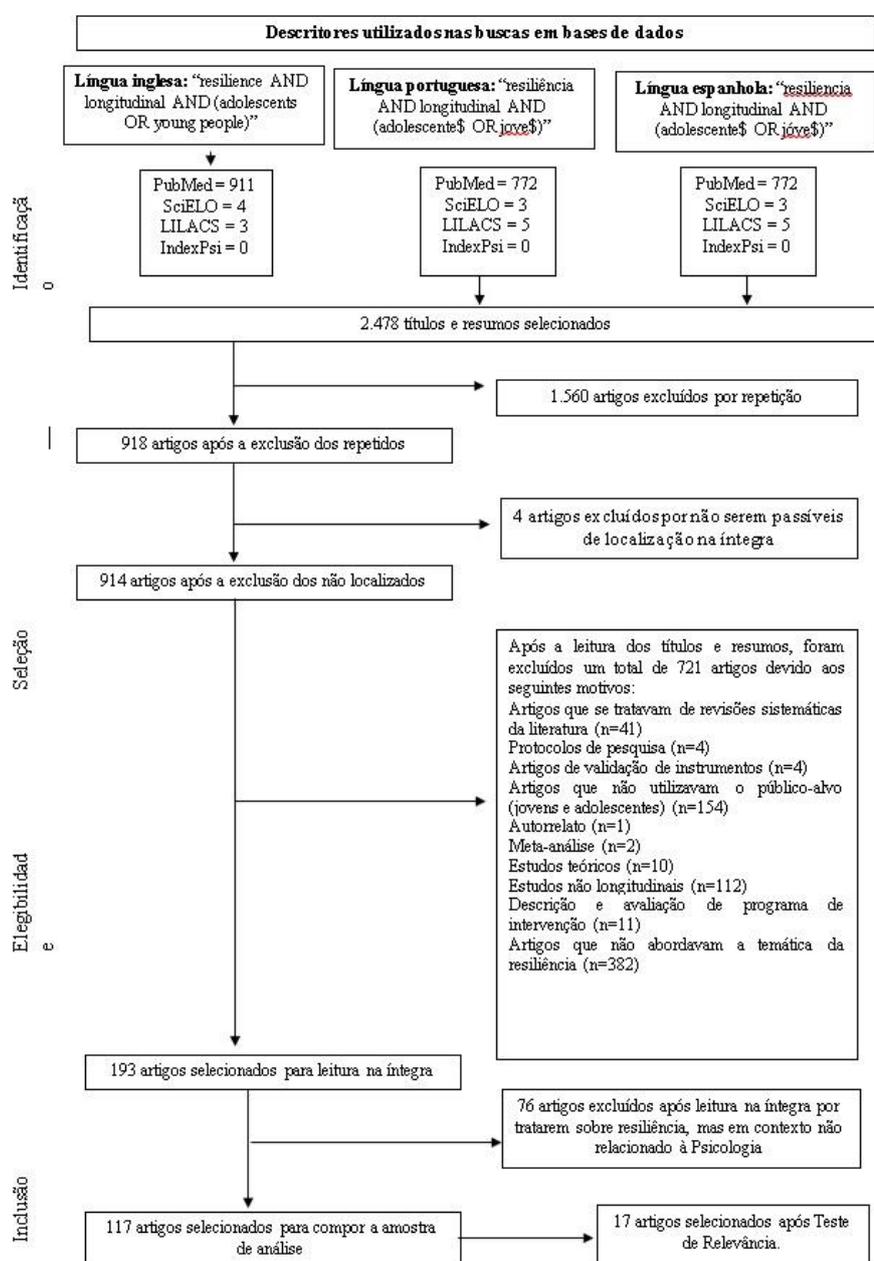
Os critérios de inclusão foram: ser um estudo com delineamento longitudinal, a partir da caracterização dos próprios pesquisadores/autores; abordar, explicitamente, processos de resiliência com adolescentes e jovens adultos; terem sido publicados entre 2000 e 2020; publicações em revistas com metodologias de avaliação por pares; estudos empíricos realizados com adolescentes e jovens em situação de exclusão e vulnerabilidade social (i.e expostos à violência familiar e urbana, negligência, deficiências). Os critérios de exclusão, por sua vez, foram: artigos duplicados; artigos teóricos, de revisão de literatura ou autorrelatos; protocolos de pesquisa; artigos de validação de instrumentos; meta-análise; artigos que não exploravam os processos de resiliência de adolescentes e jovens.

A busca inicial nas bases de dados resultou na identificação de 2.478 publicações, sendo que, após restrição de formato, idioma, ano de publicação e artigos repetidos, restaram 117 artigos. A partir das etapas de seleção, foi realizada, também por duas pesquisadoras de forma independente, a leitura dos títulos, resumos e textos na íntegra. Para assegurar os níveis de concordância, foi aplicado Teste de Relevância (PEREIRA; BACHION,

Resiliência e fatores de proteção: uma revisão integrativa da literatura a partir de pesquisas longitudinais conduzidas com adolescentes e jovens

2006), que se refere a uma lista de perguntas objetivas que produzem respostas afirmativas ou negativas que refinam a escolha dos artigos. No Teste de Relevância, foram definidos novos critérios de inclusão, tais como: data de realização da pesquisa, tipo de estudo, idioma, definição específica dos participantes da pesquisa, período em que foi produzido, dentre outros. Dessa forma, após a aplicação do Teste de Relevância, restaram 17 artigos que compuseram o *corpus* de análise do presente estudo. A Figura 1 ilustra o fluxograma da seleção das publicações.

Figura 1 – Fluxograma da seleção das publicações



Fonte: Pesquisa bibliográfica

A análise de dados ocorreu por intermédio da Análise Temática (AT) e foi feita por três pesquisadores de forma independente, a partir das seis etapas preconizadas por Braun e Clarke (2006): 1) familiarização com os dados, 2) geração de códigos iniciais, 3) busca de temas, 4) revisão dos temas, 5) definição e nomeação dos temas, 6) produção de relatório científico. Por intermédio da AT, foram analisados os fatores de proteção destacados pelos autores como mais relevantes para os processos de resiliência dessas populações e que se manifestam longitudinalmente.

Resultados e Discussão

Os resultados do estudo derivaram-se da análise qualitativa dos 17 artigos selecionados, sendo todos alusivos às pesquisas longitudinais acerca dos processos de resiliência vivenciados por adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social. Uma síntese desses estudos foi apresentada no material suplementar. Os resultados foram organizados a partir de quatro temáticas: Relacionamentos interpessoais; Engajamento na Educação Formal; Aspectos subjetivos associados à resiliência; Projetos de vida e ponto de virada.

Relacionamentos interpessoais

A maior parte dos artigos destacou o papel protetivo dos relacionamentos interpessoais e sua relação com os processos de resiliência, em especial a partir de interações com pares, famílias e profissionais (professores, assistentes sociais, psicólogos e outros). Assim, há indicativos robustos de que a qualidade de relacionamentos interpessoais está diretamente associada à promoção de resiliência na trajetória de adolescentes que vivem situações de vulnerabilidades múltiplas.

Em relação aos pares, os autores destacaram o papel protetivo diretamente ligado à qualidade das relações, nível de cumplicidade, confiança e intimidade com colegas (MOSES; VILLODAS, 2017; CHAO et al., 2018). As trocas e o apoio dos pares levam à ampliação de vivências em espaços diferenciados e envolvimento em atividades diversificadas. Na mesma direção, a confiança e a intimidade satisfatória abrem espaço para o compartilhamento de sentimentos e experiências pessoais, o que aumenta a proximidade e conduz a mútuas

demonstrações de afeto, fomentando a percepção de que são compreendidos e aceitos pelos colegas (THERON; RENSBURG, 2018; AMQUIST et al., 2018).

A relação entre pares se mostrou protetiva inclusive na aderência dos adolescentes em atividades extracurriculares e na escola (ALMQUIST et al., 2018). Comumente, os estudos ressaltaram que a qualidade da relação entre pares está diretamente associada à resiliência, pois amplia o potencial para novas conexões contextuais e culturais, bem como contribui para o desenvolvimento da autonomia (MOSES; VILLODAS, 2017).

As famílias, de acordo com as publicações, também têm destaque como espaço de proteção e promoção de resiliência, principalmente quando conseguem nutrir a qualidade das relações durante transições entre ciclos de desenvolvimento. O estudo de Neppl et al. (2015) evidenciou que recursos pessoais dos pais estão associados aos processos de resiliência dos adolescentes em direção à vida adulta, mesmo em situações de adversidades econômicas vividas pela família. Assim, a manutenção da parentalidade positiva no decorrer do tempo é um recurso protetivo e está relacionada à resiliência (NEPPL et al., 2015).

Leon et al. (2008) enfatizaram que a qualidade das relações com os cuidadores é mais relevante do que a quantidade de tempo que passam juntos. Na mesma direção, a pesquisa de Yoon et al. (2018) indicou que a qualidade da relação da família é fator protetivo e minimiza a probabilidade do uso e experimentação de substâncias psicoativas durante a adolescência. Dessa forma, Yoon et al. (2018) e Eisman et al. (2015) reiteraram a importância de programas de intervenção que auxiliem os pais na consolidação de relações saudáveis e positivas com seus filhos, em especial aqueles que os auxiliem no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento adaptativas, habilidades sociais e regulação emocional para lidar com situações pós-traumáticas, relacionadas às violações de direitos que sofreram.

A quantidade das intervenções e de programas não é sinônimo da qualidade desses serviços e de promoção de resiliência na vida dos adolescentes. Sanders, Munford e Liebenberg (2017) afirmaram que a qualidade dos serviços está mais associada à qualidade das relações construídas entre os profissionais, adolescentes e jovens, o que significa que um único serviço ou programa pode ser capaz de promover resiliência, desde que os relacionamentos entre os jovens e os profissionais sejam fortalecidos e significativos. Adicionalmente, Ungar (2013) afirma que o estabelecimento de relacionamentos positivos entre os profissionais e os adolescentes incentiva a participação ativa nas atividades

propostas ofertadas pelo serviço. Além disso, Sanders, Munford e Liebenberg (2017) pontuaram que a postura respeitosa dos profissionais pelos usuários dos serviços (adolescentes e jovens), suas famílias e seus contextos também são pontos determinantes para que essa relação seja considerada protetiva.

Engajamento na Educação Formal

Esta temática demonstrou que experiências educativas positivas na adolescência são fatores protetivos para jovens adultos. Assim, o acesso à educação formal pode diminuir situações de violências e maus tratos no início da vida adulta (SMITH et al., 2013). Além disso, alguns artigos (LEON et al., 2008; KHAMBATI et al., 2018) destacaram que algumas condições relacionadas a vivências na escola (e.g. envolvimento em atividades, participação em jogos e grupos de teatro, satisfação com o ambiente escolar, não sofrer bullying, entre outros) foram facilitadores dos processos de resiliência. O bom desempenho acadêmico e a autoeficácia acadêmica também estão, de acordo com Cui et al. (2020), diretamente associados à promoção de resiliência.

Para Smith et al. (2013), Leon et al. (2008) e Khambati et al. (2018), o engajamento genuíno e ativo dos adolescentes nas atividades propostas nos ambientes escolares está relacionado com os processos de resiliência. As publicações supracitadas reforçaram que as experiências educacionais positivas estão associadas à redução da criminalidade e da violência no início da vida adulta, evidenciando que quanto melhor forem as experiências nos espaços de educação formal, mais saudáveis e positivos são os desfechos desenvolvimentais na vida adulta.

Boa parte dos artigos destaca que a resiliência de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social é mantida ao longo do tempo por recursos individuais e sistêmicos, sendo as escolas e as aspirações nutridas por essas instituições fundamentais para a minimização dos fatores de risco (THERON; RENSBURG, 2018; ALMQUIST et al., 2018). Assim, a escola, além da família, aparece como a instituição mais relevante para a redução dos impactos das experiências adversas vivenciadas em longos períodos, principalmente quando organizam-se atividades extracurriculares, diversificadas e que sejam atrativas para os adolescentes (KHAMBATI et al., 2018).

Importante destacar que os fatores protetivos referentes ao suporte institucional, mais especificamente ofertadas pelas escolas, e o nível de engajamento nas atividades institucionais, foram amplamente apontados nos estudos como benéficos aos adolescentes e jovens. A resiliência, apesar de ser uma expressão individual e subjetiva, é resultante das interações entre o indivíduo e seus sistemas ecológicos, o que inclui os serviços disponibilizados na própria comunidade e a possibilidade de participação ativa nesses serviços (MASTEN, 2011; THERON; LIEBENBERG; UNGAR, 2015; UNGAR, 2013).

Aspectos Subjetivos Associados à Resiliência

Os artigos selecionados também abordaram características pessoais associadas a adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social e que podem resultar em processos de resiliência no início da vida adulta. Apesar disso, Banyard e Willians (2007) e Oshio et al. (2017) ressaltaram que tais atributos individuais não devem ser avaliados ou compreendidos de forma estática, mas como processos que podem sofrer alterações substanciais no decorrer do tempo, sobretudo em função da exposição aos fatores de risco e da disposição ou ausência de fatores protetivos.

Kwok et al. (2019) sugerem que os aspectos individuais ligados aos processos de resiliência sejam analisados de forma articulada com a ecologia social das pessoas. Mas, de forma geral, as características individuais citadas nas pesquisas incluíram: satisfação com o papel social, sentimento de pertencimento a grupos, senso positivo de comunidade (BANYARD; WILLIANS, 2007); sentimento de gratidão, boa comunicação social, temperamento fácil, autoestima e bem-estar (KHAMBATI et al., 2018; KWOK et al., 2019); habilidades sociais (OSHRI et al., 2017). Essas características, de acordo com as pesquisas, tendem a emergir ao longo da infância e adolescência e sua manutenção na vida adulta é essencial para a promoção da resiliência.

Características individuais e sentimentos positivos estão associados à resiliência de adolescentes e jovens expostos à adversidades ao longo da vida (OSHIRI et al. 2017, KHAMBATI et al. 2018). O estudo de Kwok et al. (2019), por exemplo, teve como objetivo averiguar se traços de gratidão mediavam a relação entre abuso emocional na infância e ideação suicida na adolescência. Os resultados mostraram que a ideação suicida dos

adolescentes foi positivamente associada ao abuso emocional na infância e negativamente associada à gratidão.

Em contrapartida, algumas publicações (MASTEN, 2011; THERON; LIEBENBERG; UNGAR, 2015; UNGAR, 2013) ressaltaram que, apesar de serem importantes fatores protetivos, altos escores de QI e características cognitivas não estão necessariamente ligados aos processos de resiliência de adolescentes e jovens expostos a situações de vulnerabilidade social significativas. Os autores sugerem que fatores ambientais, como boas relações de pares, atividades em grupo, envolvimento com a escola, entre outros, são mais relevantes do que tais atributos e características individuais.

Projetos de Vida e Ponto de Virada

Alguns artigos enfatizaram o conceito de ponto de virada (*turning point*) como um fator protetivo associado à resiliência. Trata-se de um ponto de inflexão, um momento ou evento significativo que possibilita que o indivíduo enfrente os fatores de risco a que está exposto e amplie suas relações com outros contextos (RÖNKÄ, ORAVALA; PULKKINEN, 2002; BANYARD; WILLIANS, 2007).

Rönkä, Oravala e Pulkkinen (2002) destacaram que o momento da vida suscetível a mudanças positivas, ou seja, o ponto de virada, pode oportunizar enfrentamento dos fatores de riscos duradouros presentes nas trajetórias de desenvolvimento de adolescentes e jovens, ampliando oportunidades (HARRINGTON et al., 1991). Alguns exemplos de ponto de virada destacados nos artigos foram: relações sociais de apoio oferecidas pelos espaços educacionais; mudanças no padrão de vida; aparecimento de interesses diversos, como *hobby*; envolvimento em atividades esportivas; engajamento em relacionamentos amorosos (RUTTER, 1993; BANYARD; WILLIANS, 2007).

Interessante destacar que os artigos de Rönkä, Oravala e Pulkkinen (2002) e Banyard e Willians (2007), que abordaram o conceito de ponto de virada, estavam entre os poucos estudos que recorreram à abordagem quanti-qualitativa. Essas pesquisas, além da coleta de dados por meio de questionários e escalas, buscaram dar voz aos participantes acerca das experiências adversas na infância. Os pesquisadores enfatizaram que os pontos de virada devem ser descritos subjetivamente por cada indivíduo, pois os eventos adversos vividos adquirem significados pessoais distintos. Destacaram, ainda, que a pesquisa longitudinal

retrospectiva é mais adequada para a análise desse conceito, pois os pontos de virada são identificados depois de algum tempo que foram vividos pelas pessoas (BANYARD; WILLIAMS, 2007; RUTTER, 1987; RUTTER, 2012).

A possibilidade de nutrir projetos de vida complementa essa temática. Os artigos de Oshri et al. (2018) e Cui et al. (2020) abordaram o papel protetor da orientação para o futuro entre jovens que vivenciaram maus tratos na infância. A orientação para o futuro ou a manutenção de projetos de vida foram apontados nos estudos como o estabelecimento de metas, a intenção de alcançar objetivos pré-definidos, a preparação para carreira e aprender a viver de forma independente (GERMANO; COLAÇO, 2012; OSHRI et al., 2018; CUI et al., 2020).

Os artigos evidenciaram que a orientação para o futuro está associada à evitação de comportamento infracional e desenvolvimento de competência socioemocional. Cui et al. (2020), por intermédio de um estudo longitudinal prospectivo de três ondas (com coletas aos 14 anos, 16 anos, 18 anos), investigaram o papel promotor e moderador da orientação para o futuro, comparando jovens que viveram ou não maus tratos na infância. Concluíram que, apesar dos jovens com histórico de violência apresentarem comportamentos infratores mais frequentes e autoestima rebaixada, a orientação para o futuro atenuou os efeitos adversos dos maus tratos e elevou o nível de competência social entre os participantes do estudo.

Os estudos desta categoria robustecem a importância de programas e intervenções que objetivem nutrir ou valorizar os projetos de vida de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social. Além disso, destacam a importância de maiores investimentos da comunidade acadêmica acerca do entendimento dos pontos de virada, pois os estudos sugerem que se trata de acontecimentos vitais para o enfrentamento de adversidades manifestadas na infância e adolescência, bem como facilitam os processos de resiliência.

Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo caracterizar, por intermédio de uma Revisão Integrativa da Literatura, os fatores de proteção que se manifestam longitudinalmente e que se associam ao acionamento dos processos de resiliência na vida de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social. Notou-se uma ausência de estudos longitudinais no contexto brasileiro e latino-americano. Pesquisas desse porte demandam recursos financeiros mais robustos e equipes de pesquisa qualificadas, mas certamente podem

evidenciar os efeitos dos fatores protetivos no acionamento de processos de resiliência que ocorrem na transição entre ciclos de desenvolvimento.

A capacidade de nutrir relacionamentos interpessoais positivos e duradouros foi um dos aspectos mais mencionados nos artigos analisados para a promoção de resiliência de adolescentes e jovens em situação de exclusão social. De forma similar, o engajamento em atividades diversificadas, sobretudo em ambientes de educação formal, e o suporte emocional ofertado nessas instituições parecem ter um efeito positivo na vida desses grupos e minimizam as repercussões psicológicas e sociais decorrentes da exposição a fatores de risco.

Foram identificados diversas características e atributos pessoais de adolescentes e jovens que aparecem correlacionados com processos de resiliência. Todavia, sabe-se que tais dimensões psicológicas são resultantes de contextos de desenvolvimento que são favorecedores de saúde mental e bem-estar. Argumenta-se, desse modo, que os aspectos subjetivos identificados nas pesquisas podem ser promovidos por intervenções psicológicas e educativas que estejam alinhadas às necessidades desses grupos. As vertentes teóricas que compreendem tais características como inatas ou “espontâneas” não captam acuradamente a complexidade dos fenômenos psicológicos das pessoas que são expostas recorrentemente aos fatores de riscos.

Os projetos de vida de adolescentes e jovens, apontados nas pesquisas analisadas como centrais nos processos de resiliência, têm sido também um tema recorrente na literatura nacional. Já os pontos de virada, ou seja, os eventos significativos que promovem mudanças substanciais no modo de vida de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social, ainda é uma temática pouco explorada e merece investimentos da comunidade científica em investigações futuras.

Este estudo teve o mérito de elencar o que está evidenciado na literatura internacional como relevante para a promoção de resiliência em adolescentes e jovens que vivenciam ciclos geracionais de exclusão e vulnerabilidade social. Os achados da investigação podem fomentar debates em campos de pesquisa ainda pouco explorados, bem como subsidiar intervenções e práticas institucionais que sejam potencializadoras do bem-estar e dos processos de resiliência de adolescentes e jovens.

Entre as limitações da pesquisa, aponta-se para a impossibilidade de analisar a publicação em outros idiomas e a não inclusão de outros descritores para a busca de artigos com temáticas similares. Mas as delimitações metodológicas e os recortes empregados tiveram o objetivo de operacionalizar o estudo e torná-lo exequível. Certamente outras revisões integrativas e mesmo sistemáticas podem ser conduzidas como forma de complementar os achados do presente artigo. Recomenda-se, por fim, que estudos desse porte sejam replicados no Brasil e que haja mais investimentos em estudos longitudinais associados à temática da resiliência e dos fatores de proteção.

Referências

- ALMQUIST, Y. B. et al. Prevailing over Adversity: Factors Counteracting the Long-Term Negative Health Influences of Social and Material Disadvantages in Youth. **International journal of environmental research and public health**, v. 15, n. 9, p. 1842, ago. 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30150519/>. Acesso em: 20 set. 2022. DOI 10.3390/ijerph15091842
- BANYARD, V. L.; WILLIAMS, L. M. Women's voices on recovery: a multi-method study of the complexity of recovery from child sexual abuse. **Child abuse & neglect**, v. 31, n. 3, p. 275–290, 2007. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/17395261/>. Acesso em: 15 ago. 2022. DOI 10.1016/j.chiabu.2006.02.016
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Usando análise temática em psicologia. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1191/1478088706qp0630a>. Acesso em: 20 set. 2022. DOI 10.1191/1478088706qp0630a
- CHAO, L. H. et al. From childhood adversity to problem behaviors: Role of psychological and structural social integration. **Pediatrics international: official journal of the Japan Pediatric Society**, v. 60, n. 1, p. 23–29, 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29059487/>. Acesso em: 25 ago. 2022. DOI 10.1111/ped.13436
- COLLISHAW, S. et al. Mental health resilience in the adolescent offspring of parents with depression: a prospective longitudinal study. **The lancet. Psychiatry**, v. 3, n. 1, p. 49–57, jan. 2016. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lanpsy/article/PIIS2215-0366\(15\)00358-2/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanpsy/article/PIIS2215-0366(15)00358-2/fulltext). Acesso em: 09 out. 2022. DOI 10.1016/S2215-0366(15)00358-2

CUI, Z. et al. Child Maltreatment and Resilience: The Promotive and Protective Role of Future Orientation. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 49, p. 2075-2089, 2020. Disponível em: [https://link.springer.com/article/10.1007/s10964-020-01227-](https://link.springer.com/article/10.1007/s10964-020-01227-9#:~:text=Maltreatment%20is%20associated%20with%20risk,risks%20for%20maladjustment%20in%20adolescence)

9#:~:text=Maltreatment%20is%20associated%20with%20risk,risks%20for%20maladjustment%20in%20adolescence. Acesso em: 10 out. 2022. DOI 10.1007/s10964-020-01227-9

EISMAN, A. B. et al. Depressive symptoms, social support, and violence exposure among urban youth: A longitudinal study of resilience. **Developmental psychology**, v. 51, n. 9, p. 1307–1316, 2015. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2015-30065-001>. Acesso em: 20 nov. 2022. DOI 10.1037/a0039501

GERMANO, I. M. P.; COLAÇO, V. F. R. Abrindo caminho para o futuro: redes de apoio social e resiliência em autobiografias de jovens socioeconomicamente vulneráveis. **Estudos de Psicologia**, v. 17, n. 3, p. 381-387, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/SftmCLBH4yfxB9Bs5rkMXfg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2022. DOI 10.1590/S1413-294X2012000300005

HABIGZANG, L. F. et al. Fatores de Risco e de Proteção na Rede de Atendimento a Crianças e Adolescentes Vítima de Violência Sexual. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 19, n. 3, p. 379-386, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/mkmzQRTLrhQzxk5hnmKhVrn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2022. DOI 10.1590/S0102-79722006000300006

HARRINGTON, R. et al. Adult outcomes of childhood and adolescent depression: II. Links with antisocial disorders. **Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry**, v. 30, n. 3, p. 434–439, 1991. Disponível em: [https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0890-8567\(09\)64562-7](https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0890-8567(09)64562-7). Acesso em: 10 out. 2022. DOI 10.1097/00004583-199105000-00013

KHAMBATI, N. et al. Educational and emotional health outcomes in adolescence following maltreatment in early childhood: A population-based study of protective factors. **Child abuse & neglect**, v. 81, p. 343–353, 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0145213418302047?via%3Dihub>. Acesso em: 15 nov. 2022. DOI 10.1016/j.chiabu.2018.05.008

KWOK, S.; GU, M.; CHEUNG, A. A longitudinal study on the relationship among childhood emotional abuse, gratitude, and suicidal ideation of Chinese adolescents. **Child abuse & neglect**, v. 94, n. 104031, 2019. Disponível em:

Resiliência e fatores de proteção: uma revisão integrativa da literatura a partir de pesquisas longitudinais conduzidas com adolescentes e jovens

<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S014521341930208X?via%3Dihub>.

Acesso em: 05 nov. 2022. DOI 10.1016/j.chiabu.2019.104031

LEON, C. S. et al. Trauma resilience among youth in substitute care demonstrating sexual behavior problems. **Child abuse & neglect.**, v. 32, n. 1, p. 67-81, 2008. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0145213407002578?via%3Dihub>.

Acesso em: 26 ago. 2022. Doi: 10.1016/j.chiabu.2007.04.010.

MASTEN A. S. Resilience in children threatened by extreme adversity: frameworks for research, practice, and translational synergy. **Development and psychopathology**, v. 23, n. 2, p. 493–506, 2011. DOI 10.1017/S0954579411000198

MOSES, J. O.; VILLODAS, M. T. The Potential Protective Role of Peer Relationships on School Engagement in At-Risk Adolescents. **Journal of youth and adolescence**, v. 46, n. 11, p. 2255–2272, 2017. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28204999/>. Acesso em: 06 nov. 2022. DOI 10.1007/s10964-017-0644-1

MOTA, M. M. P. E. Metodologia de Pesquisa em Desenvolvimento Humano: Velhas Questões? **Psicologia em Pesquisa**, v. 4, n.2, p. 144-149, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psipesq/v4n2/v4n2a07.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2022.

NEPPL, T. K. et al. The impact of economic pressure on parent positivity, parenting, and adolescent positivity into emerging adulthood. **Family Relations: An Interdisciplinary Journal of Applied Family Studies**, v. 64, n.1, p. 80–92, 2015. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4321762/>. Acesso em: 20 nov. 2022. DOI 10.1111/fare.12098

OSHRI, A. et al. Growth patterns of future orientation among maltreated youth: A prospective examination of the emergence of resilience. **Developmental psychology**, v. 54, n. 8, p. 1456–1471, 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29952602/>. Acesso em: 16 set. 2022. DOI 10.1037/dev0000528

OSHRI, A.; TOPPLE, T. A.; CARLSON, M. W. Positive Youth Development and Resilience: Growth Patterns of Social Skills Among Youth Investigated for Maltreatment. **Child development**, v. 88, n. 4, p. 1087–1099, 2017. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28653393/>. Acesso em: 17 nov. 2022. DOI 10.1111/cdev.12865

PEREIRA, A. L.; BACHION, M. M. Atualidades em revisão sistemática de literatura, critérios de força e grau de recomendação de evidência. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 27, n. 4, p.

491-498, 2006. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1035076>. Acesso em: 16 nov. 2022.

PESSOA, A. S. G.; COIMBRA, R. M. Fatores de Risco no Contexto de Adolescentes Envolvidos no Tráfico de Drogas. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, v. 20, n.1, p. 119-141, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812020000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 nov. 2022. DOI 10.12957/epp.2020.50793

PESSOA, A. S. G. et al. Resilience Processes Within the School Context of Adolescents With Sexual Violence History. **EDUR –Educação em Revista**, v. 33, p. 1-25, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/wgWny93dfGhQH6DNRTJWvJH/?lang=en>. Acesso em: 10 dez. 2022. DOI 10.1590/0102-4698157785.

PESSOA, A. S. G. et al. Resiliência Oculta na Vida de Adolescentes com Envolvimento no Tráfico de Drogas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 34, p. 1-9, 2018a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/r4hd3D4SdYgFqfDSRZ6wTtb/?lang=en>. Acesso em: 15 nov. 2022. DOI 10.1590/0102.3772e34426.

PESSOA, A. S. G. et al. Resilience processes of brazilian young people: overcoming adversity through na arts program. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 13, n. 3, p. 1-17, 2018b. Disponível em: http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/3100/1987. Acesso em 29 out. 2022.

POLETO, M.; KOLLER, S.H. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de Proteção. **Estudos de Psicologia**, v. 25, n. 3, p. 405-416, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/DycNK6BKd8jJmr5rmJk8P9D/?lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2022. DOI 10.1590/S0103-166X2008000300009

RÖNKÄ A.; ORAVALA S.; PULKKINEN L. "I met this wife of mine and things got on to a better track" turning points in risk development. **Journal of Adolescence**, v. 25, n. 1, p. 47-63, 2002. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0140197101904488/>. Acesso em: 15 nov. 2022. DOI 10.1006/jado.2001.0448.

RUTTER, M. Psychosocial resilience and protective mechanisms. **American Journal of Orthopsychiatry**, v. 57, (3), 316-331, 1987. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/3303954/>. Acesso em: 26 out. 2022. DOI: 10.1111/j.1939-0025.1987.tb03541.

Resiliência e fatores de proteção: uma revisão integrativa da literatura a partir de pesquisas longitudinais conduzidas com adolescentes e jovens

RUTTER, M. Resilience: Some conceptual considerations. **Journal of Adolescent Health**, v. 14, p. 626-631, 1993. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1054139X9390196V> . Acesso em: 15 nov. 2022. DOI 10.1016/1054-139X(93)90196-V

RUTTER M. Resilience as a dynamic concept. **Development and psychopathology**, v. 24, n. 2, p. 335–344, 2012. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/development-and-psychopathology/article/abs/resilience-as-a-dynamic-concept/B82378BCEFAA45A6D5BB433989312F55>. Acesso em: 15 nov. 2022. DOI 10.1017/S0954579412000028

SANDERS, J.; MUNFORD, R.; LIEBENBERG, L. Positive youth development practices and better outcomes for high risk youth. **Child abuse & neglect**, v. 69, p. 201–212, 2017. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0145213417301783?via%3Dihub>. Acesso em: 26 out. 2022. DOI 10.1016/j.chiabu.2017.04.029

SANTOS, I. S. et al. Processos de Resiliência em Estudantes Universitários com Deficiência. **Revista Subjetividades**, [S. l.], v. 21, n. 3, p. e11181, 2022. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/11181>. Acesso em: 13 ago. 2022. DOI: 10.5020/23590777.rs.v21i3.e11181.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. S. Fatores de risco e proteção para uso de drogas na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, n. 3, p. 707-717, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/gkX7PLctLG7ZB7w6VRzVznp/?lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2022. DOI 10.1590/S1413-81232005000300027

SMITH, C. A. et al. Long-term outcomes of young adults exposed to maltreatment: the role of educational experiences in promoting resilience to crime and violence in early adulthood. **Journal of interpersonal violence**, v. 28, n. 1, p. 121–156, 2013. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0886260512448845>. Acesso em: 25 nov. 2022. DOI 10.1177/0886260512448845

THERON, L.C.; LIEBENBERG, L.; UNGAR, M. (Eds.). **Youth resilience and culture: Commonalities and complexities**. Springer, 2015.

THERON L.; VAN RENSBURG A. Resilience over time: Learning from school-attending adolescents living in conditions of structural inequality. **Journal of Adolescence**, v. 67, p. 167-

178, 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29980070/>. Acesso em: 10 dez. 2022. DOI 10.1016/j.adolescence.2018.06.012.

UNGAR M. Resilience after maltreatment: the importance of social services as facilitators of positive adaptation. **Child abuse & neglect**, v. 37, n. 2-3, p. 110–115, 2013. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0145213412002165?via%3Dihub>.

Acesso em: 10 dez. 2022. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2012.08.004>

YOON, S. et al. Vulnerability or resilience to early substance use among adolescents at risk: The roles of maltreatment and father involvement. **Child abuse & neglect**, v. 86, p. 206–216, 2018. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0145213418303880?via%3Dihub>.

Acesso em: 15 nov. 2022. DOI 10.1016/j.chiabu.2018.09.020

ZAPPE, J. G.; DELL'AGLIO, D. D. Adolescência em diferentes contextos de desenvolvimento: risco e proteção em uma perspectiva longitudinal. **Psico**, v. 47, n. 2, p. 99-110, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/21494>. Acesso em 10 dez. 2022. DOI 10.15448/1980-8623.2016.2.21494

Sobre os autores

Neli de Faria Henriques Cacoza de Souza

Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos, Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE) e graduada em Serviço Social pela Faculdade Paulista de Serviço Social. Especialista em Terapia de Família e Casal pela Escola Paulista de Sociodrama Familiar Sistêmico e Terapeuta comunitária. Email: cacozatrabalhocomfamilias@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4250-4149>

Bárbara Cristina Soares Sena

Doutoranda em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE). Graduada em Psicologia pela Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE). Membro do Laboratório de Análise e Prevenção da Violência (LAPREV) do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos e do Grupo de Trabalho Juventude, resiliência e vulnerabilidade da Associação Nacional de Pesquisa em Psicologia. Email: barbara.kristinao8@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0164-7004>

Alex Sandro Gomes Pessoa

Psicólogo (UNOESTE), Licenciado em Educação Física, Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Realizou estágio de doutorado sandwich na Faculdade de Educação e Serviço Social da Universidade de Sydney (Austrália) e Pós-

Resiliência e fatores de proteção: uma revisão integrativa da literatura a partir de pesquisas longitudinais conduzidas com adolescentes e jovens

Doutorado em Psicologia pelo Departamento de Psicologia do Desenvolvimento e da Personalidade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Vinculado ao Departamento de Psicologia (DPsi) e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos. Email: alexpessoa@ufscar.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9271-8575>